

## Fisioterapia usa videogame na recuperação funcional de pacientes

O Ambulatório de Fisioterapia do prédio do INCA na rua do Rezende está utilizando o Nintendo Wii, recebido como doação de uma aluna da Residência Multiprofissional, para fins terapêuticos em pacientes infantojuvenis. O videogame, que usa controles sem fios, exige do jogador a realização dos movimentos que serão exibidos na tela.

Trata-se de um novo recurso tecnológico implementado pelos fisioterapeutas na recuperação funcional dos pacientes, com resultados a curto e médio prazos. De acordo com a fisioterapeuta Rachel Cunha, são utilizados jogos que tenham relação com as condições físicas do paciente. De forma lúdica, o próprio jogo indica o que deve ser feito. "Como existe um padrão visual para observar o desempenho, o paciente fica mais estimulado e motivado", explica Rachel.



Profissionais buscam jogos que trabalhem o equilíbrio de Ana Clara e aumentem o desempenho motor de Caio

Ana Clara Ribeiro Mendonça, de 5 anos, e Caio Gomes dos Santos, de 12, são os primeiros pacientes do INCA beneficiados pela técnica. Depois de passar por uma cirurgia para retirar um tumor neurológico, Ana Clara teve sequelas como falta de equilíbrio e movimento desigual entre os dois braços. Caio enfrenta um sintoma do tratamento quimioterápico chamado fadiga oncológica, que o impossibilita de realizar atividades de vida diária. "No caso dela, buscamos jogos que trabalhem o equilíbrio e a coordenação. Para ele, brincadeiras que otimizem a capacidade aeróbica, por meio de movimentos que melhorem o desempenho motor", conta Rachel.

Desde que a pessoa entenda o mecanismo de funcionamento do videogame, não existe restrição de idade para a terapia, que também pode ser desenvolvida com adultos. "Nossa expectativa é, no futuro, ampliar o tratamento", diz Fátima Bussinger, chefe do Serviço de Integração Humana.

## Diagnóstico molecular: Brasil pode ser exemplo para países em desenvolvimento

Aplicado em tumores como os de mama, cólon e pulmão, o diagnóstico molecular mudou a história da Oncologia. A proposta, de modo geral, consiste em avaliar o DNA do tumor do paciente e buscar alterações moleculares que possam encaminhá-lo a um tratamento específico, na chamada Medicina Personalizada. "O acesso ao diagnóstico molecular vem crescendo mundialmente nos últimos dez anos, mas os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, não se prepararam para isso", afirma Carlos Gil Ferreira, pesquisador do INCA.

O Brasil ainda não possui uma política pública voltada ao tema. Mas a situação tende a mudar. A Rede Nacional de Pesquisa Clínica em Câncer (RNPCC), que tem sua gestão e operacionalização financeira sob responsabilidade do Instituto, ganhou um edital do Programa de Pesquisa para o Sistema Único de Saúde (PPSUS) para aumentar o acesso dos pacientes brasileiros a esse tipo de diagnóstico. "Um dos objetivos é avaliar o perfil molecular do câncer de pulmão no Brasil e, ao

final de três anos, treinar e capacitar dez centros públicos do país para o diagnóstico molecular desse tumor. A partir da experiência com o grupo de pacientes pesquisado, vamos tentar expandir essa realidade para outros tipos de câncer", diz Carlos Gil.

O pesquisador do INCA foi escolhido pelos organizadores do mais recente congresso da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (Asco, na sigla em inglês) – realizado de 30 de maio a 3 de junho, em Chicago – para representar a América Latina em um painel que discutiu o acesso ao diagnóstico molecular nos países em desenvolvimento. Também participaram um representante da Europa e um da Ásia.

Para Carlos Gil, o convite feito a ele reforça o potencial brasileiro de reverter o jogo. "A Asco acredita que o Brasil, com seu sistema universal de saúde, pode ser um exemplo para os países em desenvolvimento. Precisamos ser mais agressivos na busca por soluções que reduzam o abismo que existe em relação a outros países no que se refere ao acesso a este tipo de diagnóstico", avalia.

